

NÔVO DEPOIMENTO DE NEWTON BOECHAT:
CASO MANUEL AÇOUGUEIRO^(*)

Há vinte e cinco anos atrás, D. Esmeralda Bittencourt, dinâmica irmã nossa que muito contribuiu na faixa assistencial espírita, na Guanabara e fora dela, residia na Rua Itapiro, Rio, em companhia de filha menor, e, na mencionada rua, relacionaram-se cordialmente com um açougueiro português, de nome Manuel, tipo de estatura média, epiderme avermelhada. Entre um quilo e outro de carne vendida, surgiram naturalmente conversas em torno de aparições e casas mal-assombradas, manifestações de fantasmas em vilarejos e províncias portuguêsas. Um dia, Manuel Açougueiro disse à D. Esmeralda Bittencourt que estava desejoso de integrar ordem espiritualista secreta que funcionava no bairro de Lins. D. Esmeralda, criatura experimentada, redargüiu:

— Mas, *seu* Manuel, nada melhor do que Doutrina Espírita com seus postulados cristalinos e suas diretas consequências aplicáveis na vida de relação humana. Ademais, devemos ter sempre muita cautela no trato com essas sociedades espiritualistas, secretas, cheias de símbolos e condicionamentos que desviam o sentido da unidade espiritual, fragmentando-nos a mente em fenômenos e manifestações ilógicos, extravagantes.

O certo, porém, é que o açougueiro lusitano acariciava o propósito de se matricular na ordem, isto fazendo e obtendo o primeiro grau de iniciação, denominado “templário”. Meses depois, a filhinha de D. Esmeralda Bittencourt penetrou impressionada o reduto doméstico, e disse à genitora:

— Mamãe, a senhora sabe quem foi que desencarnou?
— E ante o espanto dela:

(*) Depoimento prestado na residência do Autor, em Uberaba, na tarde de 20 de fevereiro de 1968.

— O senhor Manuel Templário.

Denominaram as duas assim ao açougueiro, após o seu ingresso na Ordem do Lins.

A família do lusitano vendeu o açougue, incontinenti, e retornou a Portugal. D. Esmeralda e a filha, meses após, se transferiram para o Meyer, residindo na Rua Caxambi. Passaram-se alguns anos e nossa prestatimosa irmã foi a Pedro Leopoldo travar contato com Chico Xavier. Durante aquela tarde, enquanto ela e D. Maria Xavier conversavam na cozinha desta última, Chico Xavier, em sala ao lado, extraía receituário mediúnico para as pessoas humildes das adjacências; parou, rapidamente, a psicografia e falou à D. Esmeralda:

— Estou vendo ao lado da senhora uma entidade espiritual, de estatura média, de pele meio avermelhada, abraçando-a carinhosamente e perguntando se se lembra dêle: dá o nome de Manuel Templário.

Dona Esmeralda embargou-se até às lágrimas e Chico concluiu, de maneira peremptória:

— O nosso Manuel pede-me lhe diga que a senhora tinha razão no caso da organização secreta. Aquilo não lhe auxiliou a libertação espiritual de maneira decisiva. Nada melhor do que a Doutrina Espírita para simplificar nossas vidas.

DEPOIMENTO DE MÁRIO DONATO^(*)

Do belíssimo artigo publicado pelo autor de *"Madrugada sem Deus"*, em *"O Estado de S. Paulo"*, de 12 de agosto de 1944, destaquemos ligeiro trecho para a nossa observação:

“Dei-me ao trabalho de examinar grande número de “mensagens psicografadas” por Chico Xavier e vários outros médiuns; e, francamente, como não posso admitir que um homem, por mais ilustrado que seja, consiga “pastichar” tão magnificamente autores como Humberto de Campos, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro e, se não me engano, Vitor Hugo e Napoleão Bonaparte, opto pela explicação sobrenatural, que não satisfaz à minha consciência, é verdade, mas apazigua a minha humaníssima vaidade de literato. Pode lá um homem avultar tantos palmos, por suas próprias fôrças, sobre a cabeça dos demais? Pode lá plagiar, velozmente como o faz o Chico, Humberto, Antero e outros do mesmo naipe, a quem não se “pasticha” senão depois de larga experiência literária e trabalhosa noite de insônia? Não, absolutamente. É milagre. Coisas assim não podem ser senão milagre, puro milagre. Há qualquer intervenção sobre-humana no fato; não porque o diz Chico Xavier, mas porque assim o exige a nossa arrogância. O dedo do Diabo, dir-se-ia nos velhos tempos em que a Inquisição delimitava o conhecimento, segundo a própria estupidez; o dedo de Deus, dizemos hoje, mais dispostos a atribuir ao Senhor, e não ao Tinhoso, a responsabilidade pela confusão em que anda o mundo e seu conteúdo. O que, no fundo, revela que a nossa explicação é menos bem intencionada que a dos inquisidores...

Positivamente não aceito a autoria de Chico Xavier, e aceito a de Humberto, como a de Antero, Napoleão, Dumas

(*) «O Estado de S. Paulo», 12-8-44. MARIO DONATO, da Associação Brasileira de Escritores. Jornalista e expoente máximo do moderno romance brasileiro.